

O BONDE

Director—Nemésio J. Sirio

Redator-chefe—José Farah

Gerente—Mangueira

Secretário—Rebello

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano II

ESAV, 16 de Novembro de 1946

Número 38

TEATRO ESAVIANO FOME!

SORRISO e VITÓRIA!...

J. FARAH

Sorriso!... Levantou de novo o pano da ESAV, para o reaparecimento do Departamento Teatral de nossa Escola.

Devemos, agora, antes de mais nada, louvar o empreendimento dessa demonstração de nossas possibilidades artísticas. Se a apresentação de todas as iniciativas esavianas contitue sempre para o público um acontecimento significativo, para os artistas representa o imprescindível estímulo.

E não foi outra cousa o que presenciamos:—

Vitória!... um verdadeiro romance, vivido e sentido na realidade. Sucesso extraordinário, não apenas pelo enredo em que se desenvolveram seus episódios esquemáticos e palpitantes como também pela graça, pela essência de nossas tradições rurais, desafiando costumes estranhos, num verdadeiro desfile de vitalidade bem brasileira.

Terra Natal! Terra Brasil!

Naquela comunhão de amor à vida de nossas fazendas, vimos através o fulgor artístico ESAV—VIÇOSA, a imagem da nossa Pátria sertaneja, numa interpretação perfeita e sublime, numa dramatização de arte e cultura.

Mais ainda queríamos dizer, artistas esavianos e artistas viçosenses. Queríamos dizer uma porção de cousas bonitas e merecidas e, podem crer, profundamente sentidas; no entanto não sabemos achar mais palavras para exprimi-las, senão, lançar um sincero e caloroso aplauso pelo excelente trabalho de conjunto, pela segurança do espetáculo e pela homogeneidade da atuação.

E particularmente, em meio a este perfume impar de Sorrisos e Vitórias, em meio dessa de-

A. V. G.

Quer nos parecer que, em tempos já passados, a palavra *fome* tinha outro significado que não o de hoje. Nos dias que correm, tem ela um sentido um tanto elástico, amplo. Quando se falava em *fome*, vinhamos à mente as mortes em massa na China e India, onde os povos sem alimentos encontravam a morte pela inanição. Foi com essa concepção que acompanhamos a greve da fome de Gandhi. Aquilo era *fome*.

Hoje porém, fala-se em *fome* como quem fala em futebol. Na verdade, *fome* tem outros significados, mas é patente que quando se articula tal palavra por aí é com o sentido de dar a idéia daquela desgraça que assolou, assola e assolará os povos de grande densidade demográfica do Oriente e hoje, passageiramente, os da velha Europa.

A palavra *fome* aparece em pomposos e engalanados frontespícios de jornais, em letras garrafais, como se fôra o anúncio da 3ª Grande Guerra, alarmando o povo, sempre na boa fé de receber notícias.

Poder-se-á empregar a palavra *fome* com outros sentidos. Assim quem falar da *fome de proteínas* ou *fome de vitaminas*, em nosso país, êsse ou aquele—não estará buscando idéias alarmantes, mas

monstração de capacidade, devemos louvar também, sem restrições, aos esforços e dedicação dos Directores-Artísticos, Cenarista, Cenoplastia e Ponto que contribuíram para efetivação daquele ambiente alegre e inesquecível, onde mais uma vez se confraternizaram essas duas grandes famílias:—ESAVIANA e VIÇÓSENSE.

sim dizendo uma verdade, muitas vezes.

Mas *fome* de arroz, de feijão, de milho, de gordura—enfim do "volumoso", daquilo que enche a barriga,—isso, por ora—e talvez nunca, haja. O que há é um excesso de demagogia com fins ocultos, quando se profere a palavra *fome*, no Brasil.

Na verdade não temos a produção suficiente de bons alimentos para dizermos com orgulho que somos um povo que come bem. Porém, somos ainda hoje, o que sempre fomos. Contudo, nada demais será dizer que em S. Paulo e Norte do Paraná, este ano, houve super-produção de arroz, milho e feijão; que em Goiás, ainda há hoje, cerca de meio milhão de sacas de 60 quilos de arroz—só em Anápolis—à espera de transporte para o litoral; que em Mato Grosso, Minas, Goiás e São Paulo há centenas de milhares de bois gordos para serem sacrificados!

Dirá alguém: mas a manteiga, o leite e a banha?—Sim. Não há abundância de tais alimentos, mas a sua escassês não significa *fome*. A gordura entra para o nosso metabolismo tanto seja proveniente dos hidratos de carbono, dos grãos oleaginosos, do sêbo do boi, como da manteiga ou banha de porco. *Fome*, se quizer o povo, não terá de gordura. E o leite, que seja dado apenas as crianças, já que é caro e escasso.

Se porém, os demagogos do asfalto pretendem se banquetear diariamente em farta mesa,—ai então—dir-se-á, a plenos pulmões: *fome! fome!* O Brasil morre á mingua!

O problema não é para demagogos e sim para economistas. É a inflação. É também a *fome* do dinheiro ganho deshonestamente pelos que merecem a força!

DESEPÊRO MOÇA

ÚLTIMAS PALAVRAS

Ela estava em pé, elegante na sua simplicidade, esperando talvez am amigo, talvez mesmo não esperasse ninguém.

Mas como acontece sempre, principalmente na primavera, ele surgiu. Passou rápido e lançou-lhe um olhar. Mais adiante, parou em frente de um depósito, e de lá, voltou o rosto. Seus olhares se encontraram. Ele arrumou a roupa, passou a mão pelo rosto escanhado, e lentamente, de mansinho como se nada quizesse, voltou e parou a seu lado. Notei—ou apenas—que seu corpo foi percorrido por um arrepio. Ele cochichou-lhe algumas palavras que ela fingiu não ouvir, ou que não ouviu mesmo por já saber de que se tratava.

De repente, ela olhou para os lados e saiu. Ele nego sabido, esperou um pouco e saiu em seu encalço. Na primeira esquina estava lado a lado, conversando.

Todo mundo em redor continuava alheio a este encontro, apenas eu o assistia.

Ela lhe disse que todos estavam reparando e que amanhã comentariam, embora no íntimo invejassem.

Ele, insistente, malicioso, sutil, explicou-lhe ser tudo natural, moderno, e que além disso, é no meio das multidões que se está mais isolado...

Estava o negócio neste pé quando surgiu um importuno, seguindo-lhes os passos. Ela reconheceu nele o seu irmão mais velho. Era impossível retroceder. Continuaram juntos em direção do lago. De mãos dadas subiram a pequena rampa. Instantaneamente u! a mesma idéia ocorreu a ambos:—*Suicídio*.

Seus olhares incendiados se fundiram, os lábios se encontraram ávidos, e os dois, agora um só, no último estertor do prazer insatisfeito, se precipitaram para a superfície calma. Tudo estava consumado. Eu fiquei olhando, e pensando atordido, o que seria do mundo se todos resolvessem assim os seus problemas.

Ainda estava obsorto em meus pensamentos, quando Rodine, a meu lado, aborrecido e sonolento, exclamou:—Que mosca sem vergonha! Logo no meu prato de mel!!!...

S. C. A. M.

Encontro-me presentemente num dilema, que para mim torna inexplicável em certas ocasiões, e quase solucionado em outras. Recordo fatos e mais fatos, e no entanto nenhum vem trazer-me uma resposta ou uma explicação para esta dúvida. Dizem que as recordações trazem pranto! Não sei. Talvez algumas o tragam, mas a maioria não.

O mar, com toda sua grandiosidade e potência não consegue vencer uma simples praia, e todos seus ansêios para tal são em vão. Também estou cansado de ansiar por alguma cousa, mas sinto que não posso parar, parar, assim como aquela avalanche de água, persiste sempre em seu intento.

Sei que ser feliz é uma cousa bem simples: é simplesmente estar perto de alguém maravilhoso que amamos. Entretanto, por mais simples que isto pareça torna-se às vezes quasi que impossível. Frequentemente vemos que as coisas simples que desejamos fazer tornam-se como que barradeiras intransponíveis e aquilo que nos pareceu tão fácil torna-se-nos difícil e para vermos o fim, temos de lutar, lutar, como só os fortes de espírito são capazes de fazê-lo. Entretanto, quem poderia explicar porque a nossa vida vai sempre por um caminho e as outras vidas que queremos acompanhar seguem sempre por outros caminhos, nunca se encontrando? Nos fatos diários de nossas vidas, talvez pudéssemos buscar a elucidação deste problema para muitos assás complexo... Mas não o fazemos, simplesmente porque não o desejamos. Quem me poderá responder ainda, porque o mundo escolhe justamente uma vida jovem para ferir, ferir patéticamente, ferir até á morte de quasi todos os seus sonhos, chegando estes, mortos de entre coisas rôtas e esfarrapadas? Todas as tardes, espero que cousas triviais a coloquem de novo ali. Sei que nunca uma outra haverá com a sua doçura e o jeito com que olhou para mim. Um sorriso é uma cousa única, não se repete, fica isolado nos lábios da moça morena, como uma surpresa acima de qualquer cálculo. Suave, quieta e maravi-

As últimas palavras de um moribundo, principalmente se ele foi célebre, às vezes atravessam os séculos servindo de inspiração e exemplo ás gerações. A's vezes também são vulgaridades fantasiadas por má interpretação.

Lembremo-nos, por exemplo, daquele célebre soldado grego que veio num só fôlego de Maratona a Atenas para dizer aos seus concidadãos: "Vencemos" e cair estrebuxando no chão.

É um caso que atravessou os séculos como um herói. De fato, foi precursor do rádio, transmitiu o resultado após a batalha da forma mais rápida.

Mas não precisamos ir tão longe.

Coisa de anos, num célebre jogo S. Paulo F. C. X Palestra, se não me engano, num ambiente de 38 graus à fresca, gente como carrapato em folha de maio, um torcedor quasi se estourando de um ataque apoplético, vendo seus segundos contados gritou: "Viva o S. Paulo F.C."

Esse exemplo talvez não atravessasse os séculos, pois o idiota em vez de aproveitar seu último fôlego para expirar uma frase pomposa, como Viva a Pátria ou Viva a democracia, foi dispensá-lo em clubes de Futebol.

Um célebre dramaturgo francês, vitimado por desastre, estava todo cheio de ataduras e ás portas do além, olhou para a enfermeira e disse-lhe: "caiu o pano" e em seguida esticou as canelas.

Esta frase foi comentada pelos jornais como sendo mais um grande pensamento do escritor.

"Caiu o pano"—encerrou-se a comédia da vida... que frase... que fibra... seu último pensamento foi para o teatro.

Mas, somente a enfermeira sabia que o pano a que o homem se referia, era o pano de uma das ataduras, colocado em lugar de difícil estabilidade.

O. A. M.

lhosa, passou por mim, como se tivesse alguma cousa para me revelar. Eu também soube que poderia lhe dizer alguma cousa. Só que soube depois que se foi, quando não lhe podia mais falar. Era delicada e quieta, a moça mais menina que eu já vi...

Owl.

"BEIJUM - FLORALÆ"

Um dia um rapaz foi ao Correio com um pequeno embrulho para remeter para Goiás por via aérea. Estava eu no momento redigindo um telegrama, quando reparei que o tal embrulho estava meio úmido. Curioso, perguntei ao rapaz o que continha o pacote e ele disse que eram ramas de Kudzú, que ia remeter para o pai.

O funcionário do Correio pegou o embrulho e disse que era Cr.\$30,00 por via aérea, e aí o rapaz achou muito caro e mandou registrado por Cr.\$1,60.

Passado um mês, estando lendo o DIÁRIO CARIOCA, deparei com uma notícia vinda de Goiás: GOIAS (Goiania) - SenSacional foi a chegada a esta Capital do Expresso de procedência de Belo Horizonte. O carro Corréio, estava completamente emaranhado de uma vegetação verde, que lhe dava um aspecto festivo e alegre. Aberta a muito custo a porta do vagão, para se ver a causa do fenômeno, encontrou-se no interior, (depois de cortar a vegetação densa e mais forte) um pequeno embrulho de onde partiam as ramificações que iam ocupar o vagão todo. Não foi possível até agora saber o nome de tão curiosa leguminosa, mas os botânicos de Goiania vão lhe dar o nome de "Beijum Floralæ", em virtude do ataque de vários "BEIJAS FLORES" ao Vagão - Correio quando este chegou à Capital.

Puxa como nasceu e brotou rápido o Kudzú. Tudo isso causado pelo «pãodurismo» do rapaz, que não quiz mandar por via aérea.

BISBILHOTEIRO

Associação Esportiva Esaviana

Em 10 p. p., aniversário da A. E. E., empossou-se a Diretoria eleita para o período 946-947, dessa nossa agremiação esportiva.

Felicitando à nova Diretoria, encabeçada pelo colega João Evangelista Ramos, auguramos uma feliz e proveitosa gestão.

CARTA ABERTA A BAAL-SHEMEN

Tyro, 12 de Novembro de 1946

Permita Baal-Shemen, senhor do céu, que Kalbolomin, cão de Deus, humilde kohen de Tyro, Vos dirija esta prece.

Senhor

Já estamos cansados de saber que a Terra é uma bola, e que sobre ela vive a mais incoerente criação biológica que já existiu, na humanidade.

Porem Senhor, o fato de pertencermos á humanidade nos amarra aos ombros uma carga muito pesada.

Não vos falarei do presente, Senhor, pois este não é tão tenebroso assim.

Que fermentem as guerras e cresça o número de complexos freudianos.

Que todos os valores morais caiam noje de noite e que amanhã de manhã novos se alevantem. Pouco importa si pouco sabemos da relação existente entre as faculdades psíquicas e mil e tantas grammas de matéria cerebral e si ainda não descobrimos a forma racional de governo.

Sentimos em relativa segurança debaixo de sua elástica e muito mutavel organização que é a sociedade, que já resistiu a 10.000 e resistirá a 100.000 anos.

Não nos interessa, Senhor, o futuro. Somos uma espécie animal que ainda não chegou ao cume adaptativo. Parece haver pequena probabilidade de um cometa chocar-se com a Terra e a nova E'poca Glacial não nos pegará desprevenidos. A ciencia dominará ainda muitas formas de energia nunca entrevistas pelo homem atual.

Interessa-nos, Senhor, apenas o passado. Não desejamos conhecer o primeiro raciocinio do pitecantrop, os átomos de N, H, O e C que primeiro produziram um virus, a primeira nebulosa que originou uma estrela ou os primeiros quanta que se transmutaram em matéria.

Nebulosas ainda estão se formando nos limites e não teriamos coragem de ultrapassá-los, pois descobriríamos os Vossos pés.

Senhor, concedei-me porem a graça que mais ardentemente desejo.

Que não zombeis de mim. Se-

nhor, quando eu vos pedir, pois já conheceis. Que não julgueis que seja um pedido de um filho de uma humanidade nascida do medo e explicada pelo medo.

Não temes a culpa de sermos a primeira espécie animal dirigida por secreções psíquicas e de nadarmos no mar da inexperiência.

O Bem é o lastro de experiencias cristalizadas como vantajosas para a espécie humana e é desculpavel que o variavel sistema do Bem e do Mal, criação humana, seja falivel para ruir a a humanidade toda ou para dar paz a um espirito duvidoso.

O que eu desejo Senhor, é que pelo conhecimento do passado, possa extrair uma verdade absoluta, uma verdade que seja mais velha que a Terra, que dirija não só a minha vida como todos os seres vivos e todas as cousas mortas, que já tenha resistido ao tempo e resista sempre.

Senhor, tende piedade deste vosso humilde servo.

KALBOLOMIN

MISTÉRIO

DR. Rim-tim-tim

Chamado pelo sr. Enxódowsky para examinar o crime de latrocínio praticado por misterioso indivíduo que deixou ainda a assinatura com um aviso —

“—a Mão Negra volta a atacar? Cuidado!”—

Não há crime perfeito. Essa Mão Negra é um indivíduo ou um bando de “gangsters”? Mistério.

Investiguei a procedência do papel. Lembrei-me que só no quarto do Dalmo havia dele. O talho de letra é o dele, apesar de estar tapiando.

Houve, estou certo, vários cúmplices no assalto e meio bolo.

O bolo tinha 2 andares. Um foi comido.

Continuando a investigar, me lembrei que o Lorenz chamou o Maurício, o Cipriani Cavalaria, o Rosinha (Ferraiolo), a loura Velo e o Abobrinha para ajudarem no assalto.

Aliás, pelo eco, descobri que Maurício propoz que se comessem todo o andar térreo do bolo e não brocá-lo somente.

Foi aceita a proposta e zás.

Não levarei o fato ao conhecimento do público pois estes rapazes me deram um pedaço do bolo, que estava delicioso.

SOCIAIS *

ANIVERSÁRIOS

Farão anos:

Dia 21—Silvio Gomes de Melo Filho, colega do M4.

Dia 22—Murilo F. Melo (Galocha) colega do M4.—Ouça, Murilo, dizem por aí que a Baía venceu Pernambuco.

Dia 22—David Monducci—colega do M2.

Dia 23—Agronomando Lincoln de Queiroz Goncalves.

Visitas

Vestivamente esteve entre nós o Engro. Agron. Amaury H. Silveira, ex-aluno e ex-professor da ESAV.

MENTIRA

Sururú fez uma série de compras em Belo Horizonte, e depois de todos os pagamentos, chegou a conclusão de que os mineiros são otários. Não é que lhe deram num trôco, uma nota de mil cruzeiros em vez de quinhentos?

Ora, a lei do "ota" é marreta, por isso fez "bôca de siri" e caiu fora...

Imaginem o seu espanto quando, na volta, descobriu, ao querer comprar a passagem, que a "pelega" era falsa... Otário?

Pitanga e Rodine contemplando o São Bartolomeu, exclamaram:— Este sim, é que é feliz?

Segue o seu curso, sem abandonar o leito.

URSO

COOPERATIVA DOS ESTUDANTES DA ESAV LIMITADA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convoco os associados desta Cooperativa para a *Assembleia Geral Ordinária* a realizar-se no dia 20 do corrente mes, ás 11 horas da manhã, no Salão Nobre da Escola, afim de:

1. Deliberar sobre as contas da Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal.

2. Deliberar sobre todos os assuntos de interesse da Cooperativa.

3. Eleger os Diretores e Membros do Conselho Fiscal para o exercício de 1947.

Viçosa, 12 de novembro de 1946

Antonio Dias Lopes
Presidente

Caixa de Crédito Cooperativo

E' com grande prazer que registramos, embora tardiamente, a doação de 10.000,00 à Cooperativa dos Estudantes, feita pela C.C.C.

Orientada por técnicos competentes, vem a C.C.C. servindo a todas as cooperativas, na árdua tarefa de educação social e econômica das nossas massas, sob o lema de "todos por um e um por todos".

A nossa cooperativa conta agora com boa reserva para apresentar aos seus associados um sortimento mais variado de material de necessidade premente.

E até o cafezinho, que de há muito almejamos, poderá sair com a outra Diretoria que, sem dúvida, saberá zelar pelas aspirações dos associados.

Casa do Diretório

A passos de KaKado vem sendo construída a Casa do Diretório.

Estamos vendo—e com real satisfação que já se faz o entelhamento da casa. Não deixa de ser uma notícia alviçareira. Resta-nos saber se, no ano próximo vindouro, poderemos usufruir da sua comodidade.

Aqui fica o nosso apelo a Escola para que não cesse o trabalho de construção durante as férias.

A. C. «Afonso Arinos»

Realizar-se-a no dia 19 deste, em sessão especial, em combinação com o Departamento Social, no Salão Nobre, fazem final do Concurso de Declamação que a A.C.A.A. está fazendo realizar.

Dalmo, Pedro Morais e Belo Lisboa são os concurrentes finalistas.

Com essa sessão o Departamento Social e "Afonso Arinos", darão por finda, este ano, as suas atividades.

Clube Ceres

Especialmente convidado pelo "Clube Ceres", o Dr. Alvaro Fagundes, Diretor do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, instalado anexo à Universidade Rural do Brasil, fez uma substanciosa palestra, discorrendo sobre "O Ciclo do Azoto".

Dotados de profundos conhecimentos sobre o assunto, o Dr. Facundes prendeu a atenção de todos os que lá foram ouvi-lo.

Na ultima reunião do Ceres, o agronomando Orodvaldo Moreira discorreu sobre o tema "A broca do café".

Assunto assás interessante e digno de ser melhor disseminado entre os cafeicultores, fez da palestra o colega Orodvaldo uma aula bastante objetiva e momentosa.

AMORES

Era meiga, amável, de corpo bem feito, o seu belo rosto já havia transformado muitas cabeças.

Bastava eu estar aborrecido para vir consolar-me; se estava irado, calava-me; se desesperava, dava-me alento; se satisfeito, ria comigo.

Entretanto, foi a única mulher que eu não amei...

Desde que a vi, aquela morena de olhos achinesados, tornou-se para mim uma obsessão.

Tudo que fiz foi para agradá-la; tudo que disse foi para louvá-la, tudo daria para possuí-la.

Um olhar seu era para mim uma esmola, um sorriso, uma graça, um aperto de mão, uma carícia, um beijo, o paraíso.

Amei-a como nunca pensei ser possível fazê-lo.

Foi a única mulher que não me quiz...

S. C. A. M.

NOVA DIRETORIA

Em eleição processada sábado p. p., foi eleita a nova Diretoria de «O Bonde» para o período de 1947.

Ficou assim constituída:

Diretor — José Machado
Redator chefe — ?

Gerente — Mangueira
Secretário — Nelson Isolino.

Aos novos dirigentes, nossos votos de feliz gestão.